

PRAZER-REALIDADE E ATIVIDADE TRABALHO: RABISCOS ÀS MARGENS DE MAL- ESTAR NA CIVILIZAÇÃO (1930) DE SIGMUND FREUD

Lelita Oliveira Benoit¹

Introduzindo

De certo princípio parto, e é de tal princípio que iniciarei essa breve conversa. Princípio posto: Sigmund Freud jamais se deteve exaustivamente em questões que envolvem a temática *trabalho*. Nada desprezível assinalar que importante assunto jamais foi banalizado por Freud, pois era, ele próprio, incansável trabalhador, tanto teórico quanto prático, e também se destaca, talvez antes e acima de tudo, como escritor de belos textos, da mais pura literatura, que ainda agora nos deleita e alegra. Pois a literatura, a escrita de algo belo, mesmo que com dor se revele, como nos lembra Jorge Luis Borges, tem que trazer alegria e, sempre, muita alegria.

Do interior desse conjunto de prazerosos e diversos trabalhos, realizados de ponta a ponta em vasta produção teórica e meditação sobre a prática médica, surge com Freud algo radicalmente novo: o campo denominado “psicanálise” [*Psycho-analysis*]. E é bastante difícil definir tal saber em poucas e breves palavras, pois “psicanálise” é termo escorregadio entre os vãos de conceitos precisos ou não, a vaguear por nossa vida, a qual nos concerne sempre, de um lado ou de outro, seja para a afastar com horror, ou para a aceitar em suas teses controversas, elaborando perguntas e dúvidas intermináveis.

A psicanálise volta-se para o psiquismo humano, ou como talvez diria o próprio inventor Freud, ela dirige seu olhar - olhar fantasmagórico ou fenomenológico ou - e aqui despencamos no abismo do desconhecido - olhar em *direção ao aparelho psíquico*, que se instala no corpo vivo dos humanos. Aliás, Freud, ele próprio, começou a se desvelar em processos de árdua e sofrida autoanálise. Avancemos, pois, em sentido do princípio posto, e meditemos a respeito das relações do aparelho psíquico com a atividade que nomeamos *trabalho* de humanos.

Psiquismo e trabalho

Existem, sabemos todos nós, outros aparelhos complexos além do aparelho psíquico, os quais habitam o corpo vivo dos humanos, o nosso corpo, como o aparelho digestivo, o olfativo, entre outros, e também, o neurológico,

¹ Doutora em Filosofia (FFLCH-USP) e escritora. Completou Extensão em Psicanálise no Instituto Sedes Sapientiae (SP). Professora de Filosofia da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho.

sempre enfatizando que, com este último, o aparelho psíquico nunca deve ser confundido, embora com ele mantenha relações complexas, por vezes, mágicas ou fantasmagóricas, e de difícil deciframento. Lembremos ainda que o aparelho psíquico se coloca no corpo humano *sem* localização precisa, sendo, de certo modo, o que nos confere *subjetividade*, o lugar inominável e invisível da subjetividade humana.

E quem de nós pode afirmar que desconhece ser o trabalho, antes de mais nada, uma *atividade* exercida pelo corpo - ou nosso *movimento em direção ao* construir o “mundo externo”, segundo palavras de Freud - e a sua externalidade objetiva sendo constituída por objetos manufaturados, ou seja, criados pela atividade trabalho?

É essencial recordar ainda que a atividade de homens e mulheres - o trabalho - tem semelhanças com a das abelhas e das formigas ou ainda com a de outros seres do mundo natural. Difere destes por ser movida por *projeto* ou *ideia*, os quais antes habitaram o psiquismo de determinado ser humano, ou de muitos deles, que, em trocas criativas e produtivas de seus respectivos pensamentos, o concretizam, o objetivam no mundo externo.

Impossível, aliás, esquecer aqui de reflexões de Marx, ao dizer que “a utilização da força de trabalho é o próprio trabalho” (Marx, 1983), e quem se utiliza desta força singular e única, que pode ser indiferentemente um homem ou uma mulher ou pode também ser alguém que se apropria de tal força alheia, de tal atividade trabalho, ignorando que ela pertence *unicamente* aos seres que a projetaram em pensamento. A atividade trabalho, enfim, ata (ou deveria atar) um com outros em comunidade humana, a qual nasce por meio da construção do mundo exterior.

Se Freud nunca se voltou para o estudo detalhado da humana atividade nomeada *trabalho*, foi, contudo, um profundo conhecedor do aparelho psíquico que é, por assim dizer, o seu motor primeiro, o *habitat* natural de nossas iniciais elaborações em ideias e projetos². Retomemos então a nossa conversa.

O elevar-se de Freud a reflexões a respeito da atividade trabalho ocorreu em momentos bem significativos, e são expressivas as palavras que cunhou a ferro e fogo a respeito de tal assunto. Assunto? Não apenas um simples assunto ou temática teórica. Freud, ele próprio um trabalhador obsessivo (aliás, “obsessivo” é palavra recorrente no vocabulário psicanalítico), muito facilitou nossa presente investigação de desvelando das relações entre a atividade tra-

2 Lembremos que o aparelho psíquico, em sua riqueza e complexidade concreta, foi definido por Freud em duas “tópicas”, que sofreram diversas reformulações, em diversos textos. Apanhamos aqui imperfeitas definições - desculpe-nos, leitor. Na “primeira tópica”, temos a “consciência”, o “pré-consciente” e o “inconsciente” (vale dizer sobre o inconsciente freudiano: revela-se como zona oculta, nebulosa do psiquismo, habitada pelas pulsões ou instintos mais profundos e enigmáticos de nossa subjetividade). Esta primeira definição do psiquismo foi reformulada por Freud, tornando-se a “segunda tópica”, na qual se entrelaçam formas abstratas e sem contornos definidos, imitando as pinturas modernistas como as de Paul Klee e Wladimir Kandinsky (ver imagens aqui reproduzidas). Para Freud, a indescritível segunda tópica seria afinal composta do “Eu” (nosso velho des-conhecido, que não coincide de imediato com a consciência), o “Super-Eu” (no qual se mesclam a herança moral, os valores herdados, as figuras parentais idealizadas, e tendo afinidades com o kantiano imperativo categórico, com o dever ser incontornável, mas sobre o Super-eu ainda pouco conhecemos), e por fim, o “Id” ou “Isso” (termo este emprestado por Freud do psicanalista alemão Georg Groddeck, e que corresponde aos nossos impulsos primários e que afloram apenas nas imagens - disfarçadas - dos sonhos e nos pensamentos sonhados, os chamados “pensamentos oníricos” ou, por vezes, se mostram, igualmente em disfarces, nos famosos e populares “atos falhos”) (ver biblio de Freud)

balho e o psiquismo.

Freud escreveu linhas essenciais a respeito de tais relações, com árduo esforço, na época em que se iniciava o desmoronamento da Europa, por volta de 1930, data que, aliás, dispensa acuradas explicações. Do livro *Mal-estar na Civilização*, escrito por Freud, exatamente em 1930, recortei alguns enunciados. Saliento previamente o seguinte: *Mal-estar na Civilização* ecoa forte em preocupações com o nosso agora, com a nossa época e com o destino futuro da atividade trabalho: é nosso atual mal-estar. Esse livro será o fio condutor para breves reflexões a respeito do incômodo sentimento que compartilhamos com Freud e com sua época³.

Livro tão famoso quanto o próprio Freud, *Mal-estar na civilização*, logo de início, é marcado por latejantes palavras em longa nota de pé de página. Lemos ali: “[...] nos limites de um panorama sucinto, não será possível examinar satisfatoriamente a importância do trabalho para a economia libidinal” (FREUD, p. 36). O querem nos comunicar tais palavras um tanto enigmáticas? O que Freud pretende nos transmitir quando se refere à *importância da atividade trabalho para a economia libidinal*?

Antes de tudo, está dito ali, nas entrelinhas, que o trabalho possui, por certo, grande importância para a vida psíquica dos indivíduos. Pois a economia libidinal ou “libido”, em definição bastante breve, é a manifestação, na vida psíquica, de instintos ou pulsões de profundos desejos - desejos sexuais - que buscam a satisfação de qualquer modo, tentando romper, a todo custo, barreiras internas. Com o intuito de alcançar esta finalidade, os instintos sexuais se fixam em “objetos” (de desejo) ou pode ocorrer também da libido, quando desprovida de objeto, fixar-se em si mesma, na forma daquilo que Freud denominou “narcisismo”, se apropriando do mito grego de Narciso, que se apaixonou pelo seu próprio rosto, refletido nas águas do lago de Eco.

Em outras palavras, em um dizer leve, quase não-freudiano: a libido, como e enquanto desejo que arde sob nossa pele, no lugar invisível e indizível da subjetividade, teria o poder de mover as pessoas a atos tais como o trabalho, mas também poderia, quando reprimida, nos desmobilizar completamente, abandonando possíveis comunicações com o mundo exterior. Assim são as duas faces de uma mesma e única moeda - o interno psíquico e o mundo externo, e oscilando de modo vertiginoso entre elas, os humanos, acontece às vezes de cindirem em suas escolhas imediatas, cisão que pode os conduzir à loucura, à psicose, ao delírio. E podem ser inumeráveis as vezes, escreve Freud, que atravessamos essa fronteira de sombras e fantasmas em um único dia de nossas existências, de um lado para outro, e vice-versa.

Prossegue, nessa mesma nota, escrevendo Freud que “nenhuma outra *técnica da vida* prende a pessoa tão firmemente à realidade”- ao mundo externo - “como a ênfase no trabalho, que, no mínimo, a insere de modo seguro numa porção da realidade, na comunidade humana” (FREUD, p. 36, grifo do

³ É profunda a significação teórica de tal data - 1930 - na obra freudiana, que antecede em poucos anos a ascensão política de Hitler, na Alemanha, e a época do nazismo (GAY, 2012, p. 546-554)

autor). Riqueza de significados que tentaremos decifrar agora. Avancemos, pois. Em geral, são chamadas de “técnicas” os modos de praticar a psicanálise⁴. Porém, na referida nota, *técnicas de vida* ganham outro significado: são os modos de nossa inserção ao mundo externo. Pois da comunidade humana somos parte, e nisso reside a construção, em nós mesmos, em nosso psiquismo, de uma espécie de *apoio psíquico* chamado por Freud de “princípio de realidade”. Então, apoiado psicologicamente no princípio de realidade, o trabalho seria o fazer corporal, a ponte em direção à comunidade humana, e o modo eficaz de nos atarmos a ela, e de sermos parte do modo de produção da vida, que partilhamos com outros.

Aprofundemos mais o significado psíquico da expressão *princípio de realidade*, para a existência do qual as realizações externas do ser humano que exerce a atividade trabalho parecem estar tão fortemente atadas. Investiguemos algumas passagens de outro breve e denso ensaio de Freud, intitulado “Formulações sobre os dois princípios que regem o funcionamento do psiquismo” (FREUD, 2005). “Há algum tempo”, escreve Freud neste ensaio, “notamos que toda neurose tem a consequência, e provavelmente a tendência, portanto, de retirar o doente da vida real, de afastá-lo da realidade” (FREUD, 2005, p. 109). E isso se explica - o afastamento da vida real - de modo bem simples: “os neuróticos dão às costas à realidade por considerá-la, no todo ou em parte, *insuportável*.” (Idem, grifo do autor). Vemos que a teoria freudiana doou, em suas próprias palavras, “significação psicológica ao mundo externo real”. Dizendo de outro modo: busca-se a significação de recusa do mundo externo real em algum momento da vida psíquica da pessoa analisada, e que permaneceu ocultada, bem provavelmente em seu inconsciente. Acrescente-se que este é o ponto de partida a ser desvelado durante as sessões de análise psicanalítica, à qual é submetido o doente afligido por males da psique, doando a esta pessoa a palavra, palavra livre de lógica fria, indo até os sonhos e os lapsos recorrentes na vida da psique, fazendo aflorar um sentido perdido da vida, uma interpretação possível que se encontra em palavras aparentemente desconexas, em frases desligadas umas das outras, em um caos de sentidos, muitas vezes.

Na verdade, tal ponto inicial pode ser, no inconsciente de todos nós, algo bastante semelhante aos “processos primários” de “origem filogenética”, vestígios de uma fase de desenvolvimento muito remota, e por isso, velada e obscurecida pelo esquecimento, sendo necessário o (des)velamento por meio dos procedimentos da análise psicanalítica. Contudo, prossegue Freud, é fácil imaginar ao que obedecem tais processos primários e inconscientes: no âmbito do psiquismo, devem se subordinar ao “princípio do prazer-desprazer” ou, mais sinteticamente, ao “princípio do prazer”. “Nossos sonhos noturnos, nossa tendência, quando acordados, de fugir às impressões penosas, são resíduos da dominação desse princípio [de prazer] e provas de seu poder” (Ibidem, p. 111).

4 Ou os “procedimentos terapêuticos” que podem levar o psicanalista à constituição de um quadro clínico do psiquismo de um paciente qualquer (entre outros, por exemplo, à definição, sempre maleável e em processos mutantes, de uma “neurose obsessiva”, de uma “histeria”, de um complexo “quadro psicótico”), (ver bibliô. de Freud).

Poder incomensurável, poderíamos acrescentar!

Avançemos, mais ainda. Quando sonhamos - e o sonho é uma atividade sobretudo psíquica - acontece o seguinte: *negamos*, ao sonhar, um dos princípios fundamentais do funcionamento do psiquismo, o princípio de realidade. Freud vai empregar a palavra “ficção” para nos explicar tal complexo mecanismo de funcionamento do psiquismo. Antes de ter existência psíquica, o princípio de realidade - grande intruso, por certo, mas ao mesmo tempo, imprescindível para a vida psíquica, e igualmente para a vida biológica e sobretudo, para a nossa existência em comunidade - imaginemos agora! - estava em “estado de repouso”, que foi interrompido por “exigências imperiosas de necessidades internas”, tais como a fome e a sede. A necessidade impulsionou ou deu vida ao princípio de realidade. Nas palavras de Freud: “o estado de sono pode oferecer a imagem fiel da vida psíquica antes do reconhecimento da realidade”, quando se estava no ficcional estado de repouso, “pois [o estado de sono] tem como pressuposto a negação intencional da realidade”. Negação que nada mais é que “o desejo de dormir”, o desejo de fugir da realidade ou negá-la, pura e simplesmente (Idem, p. 111).

A vida do bebê é outro exemplo da ficção criada por Freud, ficção de um imaginado e fantasioso *estado de repouso*. “[O bebê] *provavelmente* alucina o atendimento de suas necessidades internas [como a sede e a fome], revela seu desprazer com o estímulo crescente e a ausência de satisfação, por meio da descarga motora dos gritos e do esperneio e então experimenta a satisfação alucinada” (Idem, grifo do autor). Essa última, a *satisfação alucinada*, reinstala no bebê, embora apenas momentaneamente, o estado no qual impera o princípio de prazer, e se encontra nas vizinhanças de um estado de repouso perdido para sempre em nós, seres dotados de psiquismo. E vale não esquecer: inclusive esse estado primórdio foi perdido para os bebês, que, entretanto, estariam mais próximos de tal perda, que é, de todo modo, o nosso começo.

Mesmo assim, o princípio de prazer vai aos poucos cedendo espaço ao princípio de realidade, embora “[...] o domínio do princípio de prazer só [possa] realmente acabar quando há o completo desligamento psíquico dos pais”, ou seja, lá por volta do fim do período de latência, aos 11 ou 12 anos, mais ou menos. Quando isso falha, pode ou não se instalar rapidamente alguma doença psíquica (Ibidem, p. 112).

Enlaçamentos entre prazer-realidade e trabalho

O outro princípio da atividade psíquica - princípio de realidade - que vai aos poucos se instalando e ganhando espaço e crescendo e resulta em grandes transformações internas: “[...] já não se imaginava o que era agradável, mas sim o que era real, ainda que fosse desagradável” e resulta ser este “um passo de enormes consequências” (idem, p. 112), consequências estas que não detalharemos agora, pois parece ser por demais fácil de as identificarmos em

nossas existências.

Contudo, há algo que merece atenção especial. Vejamos do que se trata, nas palavras de Freud:

[existiria] uma tendência geral de nosso aparelho psíquico, que pode ser relacionada ao princípio econômico de poupança de gastos [...], tendência psíquica esta que parece manifestar-se no tenaz apego às fontes de prazer disponíveis e na dificuldade de renunciar a elas.

O apego ao prazer teimosamente persiste e é de se acreditar que grande parte da “atividade de pensamento permaneceu livre do teste de realidade e submetida somente ao princípio do prazer” (Ibidem, p. 114). Tal atividade rebelde, anárquica, quase onírica em seu existir, foi chamada por Freud de “fantasia”, e é facilmente encontrável nas brincadeiras das crianças. Por sua própria natureza tenaz, a fantasia, com seu séquito de rebeldia, de anarquia, em sua estranha existência onírica, pode persistir em idade posterior, na idade adulta, sobretudo, e a esta persistência Freud chama de “devaneio”.

Sabemos, por nossa experiência de vida, o quanto, em qualquer atividade artística, o devaneio é essencial, e os artistas - ah, os artistas bem antes de todos nós - sabem também o quanto o devaneio lhes é essencial e se abriga contundente sob a pele, agitando os pensamentos desfeitos em outros e outros e mais outros, se confundindo com medos, alegrias e mil outros sentimentos, enfim. E ainda há, lado a lado à fantasia e ao devaneio, mas sempre a eles vinculados, aqueles que Freud diz serem os “instintos sexuais”. Estranho parentesco, diríamos nós. Ligações que, contudo, se atentarmos às nossas vivências, aos poucos iremos diluindo a nossa confusão inicial, e reconhecendo que o enigmático parentesco foi ou é vivenciado por todos nós. Freud, sempre cuidadoso em suas explicações, acrescenta que, na infância e no período da latência, os instintos sexuais se comportam autoeroticamente, e mesmo acontece de assim permanecerem na idade adulta, e jamais consigam se desligar completamente da prevalência do princípio de prazer.

Somos aqui levados a refletir sobre os resultados conclusivos de Freud, que então escreve: “assim como o Eu-de-prazer não pode senão *desejar*, trabalhar para a obtenção do prazer e evitar o desprazer, o Eu-realidade necessita apenas buscar o que é útil e proteger-se dos danos.” (Ibidem, p. 117, grifo do autor). Para Freud (2011), procurar o que é útil e proteger-se de danos: não é isso enfim ao que nos impulsiona o princípio de realidade e sustenta a atividade de trabalho em nossas vidas inseridas no mundo externo, sempre em interminável busca da comunidade humana perfeita?

Prossigamos em nossas reflexões a respeito do ensaio de Freud (2006). Alguns caminhos parecem facilitar a superação do princípio de prazer e a sua troca pelas inúmeras vantagens dadas pelo princípio de realidade. Na educação das crianças, “[...] que pode ser descrita, sem hesitação, como incentivo à superação do princípio de prazer, à substituição dele pelo princípio de realida-

de”, parece que tal superação ensaia acontecer. Podem, contudo, ocorrer “desmoraonamentos” e falhar completamente a possível superação: “[a educação] pretende ajudar no processo de desenvolvimento que afeta o Eu, recorre para isso a prêmios de amor oferecidos pelo educador [...]. Eventualmente, contudo, há desmoraonamentos que podem ocorrer [...] e por isso [o educador] falha, se a criança mimada pensa que de todo modo possui esse amor e que em nenhuma circunstância o perde” (Idem, p. 117).

Na arte, “por via peculiar”, acontece enigmática solução do conflito entre os dois princípios de funcionamento do aparelho psíquico. Escreve Freud: “A arte efetua, por via peculiar, uma reconciliação dos dois princípios” (Idem, p. 117, grifo do autor). É a via da fantasia, do devaneio, que é trilhada na arte, porém, em momento algum, esta via prazerosa abandona ou anula o princípio de realidade. Na verdade, o artista, tomando a via fantasiosa, faz com que surjam, do seu caminhar artístico, outras e surpreendentes realidades - “realidades novas”- que generosamente partilha com os “não-artistas”. E isso tudo está explicado em belas palavras de Freud aqui recuperadas:

O artista é originalmente um homem [ou uma mulher] que se afasta da realidade por não poder aceitar a renúncia à satisfação dos instintos que ela inicialmente requer, e concede a seus desejos eróticos e ambiciosos inteira liberdade na fantasia. Mas encontra o caminho de volta desse mundo de fantasia para a realidade, ao transformar suas fantasias, por meio de dons especiais, em *realidades de novo tipo*. (Ibidem, p. 117-118, grifos do autor)

E é essa a finalidade de qualquer trabalho artístico: criar realidades de novo tipo, que possam ser partilhadas com outros, os não-artistas, que igualmente possam estar pouco satisfeitos com o mundo externo e se identificarem ao fazer dos artistas, o qual se espelha em sua *negação* esteticamente elaborada.

O trabalho - qualquer atividade trabalho, e até mesmo a dos artistas, que reconcilia os dois princípios em um único fazer - parece ter importância iniludível para a vida psíquica. Porém, existem *diferenças* profundas entre todos os trabalhos que despontam em *Mal-estar na Civilização*, livro que tomei como fio condutor nas minhas atuais e breves reflexões. Por um lado, escreve Freud,

[...] a atividade profissional traz particular satisfação quando é escolhida livremente, isto é, quando permite tornar úteis, através da sublimação, pendores existentes, impulsos instintuais subsistentes ou constitucionalmente reforçados. (FREUD, 2011, p. 36)

A atividade trabalho pode coincidir, nesse caso, com atividade profissional *livremente* escolhida, sendo por meio dela que é efetuada, em nosso ser, a necessária elevação sublimada das potencialidades criativas que são nossas,

de todos, artistas ou não-artistas. Porém, pondera Freud, isso parece bem raramente acontecer, sendo que “[...] o trabalho não é muito apreciado como via para a felicidade. As pessoas não se lançam a ele como a outras possibilidades de gratificação.” E prossegue explicando ainda mais claramente: “a imensa maioria dos homens trabalha apenas forçada pela necessidade e graves problemas sociais derivam dessa natural aversão humana ao trabalho” (Idem, p. 36).

Enfim, a atividade trabalho, na leitura de Freud, parece ser o exercício corporal que leva a maioria dos seres humanos a frustrações permanentes e de difícil superação, sendo uma constante fonte de infelicidade, quando ali não se encontra a realização profissional, quando enfim não é uma escolha livre dos indivíduos. E relembremos o já comentado antes. Quando a atividade trabalho *falha*, poderia ocorrer o seguinte: por ser ele uma ponte em direção à comunidade humana, o princípio de realidade se retrai profundamente, talvez esmagado por forças incontroláveis no mais profundo inconsciente.

Em outras palavras: vai sendo aos poucos destituído de seus poderes um dos dois princípios que regem com força a vida psíquica de indivíduos adultos - o princípio de realidade - tanto quanto vai aos poucos se acentuando a infelicidade, em decorrência da frustração no trabalho, não livremente eleito como atividade do indivíduo. Instalam-se assim as doenças psíquicas que, quando agravadas, destroem o corpo biológico de quem as carrega, podendo causar estragos profundos e sofrimentos na vida psíquica. Não é por acaso que a infelicidade é outro tema que invade as primeiras páginas de *Mal-estar na Civilização*, sendo ela uma das fontes principais do lastro do *não estar bem*, do *se sentir frustrado*, do *mal-estar* diante do esmagador mundo externo.

Caminhos para a procurada reconciliação

Seria signo humano não-patológico o desejo de fugir da atividade trabalho *não* livremente escolhida, para encontrar na arte um refúgio confortador, espécie de terrestre utopia ou sonho idílico, poderíamos agora nos indagar. Parece, contudo, existirem outros caminhos possíveis que, generosamente, se abrem aos nossos olhos, apontando para a reconciliação dos dois princípios psíquicos, os de prazer e de realidade, com o ato de trabalhar. Desse modo, poderia se modificar por completo o nosso vínculo com o mundo externo e talvez alcançaríamos o almejado sentimento de felicidade terrestre, ou de algo a ela aparentado.

Olhemos em direção ao passado recente. Divisamos ali exemplos concretos que, embora em parte destruídos pelo andar da história humana, deixaram rastros ainda visíveis de que - sim! - é possível reconciliar os princípios prazer-realidade com a livre atividade trabalho, em direção à criação do absolutamente novo. E, nesse movimento criativo, haveria grande chance de remodelarmos o mundo externo com objetos - industriais - manufaturados

artisticamente. Há poucos casos, é certo, porém são exemplares casos - e já o rememorar o passado recente pode ser ato de lucidez prazerosa.

Na Escola Bauhaus - "Bauhaus", palavra alemã que literalmente significa "construindo casa"⁵, interdisciplinar, apresentou-se a possibilidade de outro caminho, que começou a ser trilhado, se não tivesse encontrado duros obstáculos históricos. Com rara lucidez, lembra-nos o arquiteto e ex-prefeito de Roma (Itália), Argan (1990): "esta admirável escola de arte que foi a Bauhaus é inseparável das condições históricas da República de Weimar e da frágil democracia alemã" (ARGAN, 1990, p. 6). A breve história da Bauhaus vai de 1919 a 1933, quando foi extinta de forma trágica, em anos tristes e sombrios de ascensão de Hitler e do nazismo na Alemanha⁶.

O principal campo de estudos da Escola Bauhaus era a arquitetura (como está autoexplicado pelo nome). Foi na esteira da arquitetura que a Bauhaus apresentou planos para a construção de casas populares baratas na época da República de Weimar. Construção de casas baratas e populares, porém sem que, em nenhum momento, se abandonasse o projeto de unir o prazer estético à realidade funcional: planta livre, ventilação, sol abundante, entre outros princípios da arquitetura moderna.

Tal projeto de arquitetura moderna e barata, prazerosa e popular se expressou e se multiplicou em uma infinidade de outras criações. São objetos diversos que, ao mesmo tempo e em igual materialidade, fundem prazer e funcionalidade em magníficas expressões artísticas, como demonstram as fotos (aqui anexas) de utensílios domésticos, de luminárias, de cadeiras que ficaram mundialmente conhecidas e foram e ainda são reproduzidas, se apoiando sempre na perfeição do fazer artesanal unido à indústria mais avançada.

Acrescente-se que entre professores e alunos havia total liberdade de criação, sob algumas convicções filosóficas partilhadas. O currículo da Bauhaus previa três fases: o primeiro semestre era o alicerce da Escola Bauhaus e inspirava-se em concepções de Alfred Hozel, da Academia de Stuttgart. Hozel havia elaborado um método de ensino para libertar os estudantes de preconceitos em relação ao belo e à estética, adquiridos nas escolas primárias e nos ginásios. Era a preparação ou o fundamento para a próxima fase. Na segunda etapa, desenvolviam-se problemáticas mais complexas e mais diversificadas, como projetos industriais, pintura, escultura, arte publicitária, teatro, arte cênica e dança. Concluída esta etapa, igualmente pensada como fundamento, o aluno recebia o diploma da Bauhaus e podia então começar o curso de arquitetura

5 "Bauhaus", palavra alemã formada de "Bau", que significa "construção"(arquitetura) e "Haus" que significa "casa".

6 A Escola interdisciplinar Bauhaus foi criada em 1919 pelo arquiteto Walter Gropius. Dela fizeram parte artistas da vanguarda europeia nas artes plásticas, na arquitetura, no teatro (entre os quais os pintores Lyonel Feininger, que desenhou a capa do manifesto da Bauhaus de 1919, caricaturista comercial de vários jornais nos EUA, músico, fotógrafo e ilustrador; o húngaro Moholy-Nagy que foi escritor, escultor, desenhista, fotógrafo e autor de fotomontagens; o arquiteto Mies van der Rohe, para quem a arquitetura era estrutura e membrana externa ou, como ele mesmo dizia, uma arquitetura de "pele e osso", sendo que a perfeição técnica dos detalhes viria apenas apoiar este sentimento de vazio do espaço, que deveria ser preenchido pela vida. Enfim, inúmeros outros artistas-artesãos, entre os quais encontram-se dramaturgos que revolucionaram a arte da representação teatral. Ver Gropius (1919).

moderna propriamente dito.

Para finalizar essas poucas e breves reflexões, destaco, do quadro magnífico dos integrantes da Escola Bauhaus, dois artistas plásticos: o russo Vladimir Kandinsky (1866-1944) e o suíço Paul Klee (1879-1940). Ambos também praticavam a arte da literatura, como poetas e, durante certo tempo, foram professores da Escola Bauhaus. Reproduzimos telas desses pintores que nos remetem de volta a Sigmund Freud e à psique.

Na “Conferência 31”, a imaginação criadora de Freud encontra palavras perfeitas:

Não podemos fazer justiça à peculiaridade da psique mediante contornos nítidos, como no desenho ou na pintura primitiva, mas sim como áreas cromáticas que se fundem umas nas outras, como nos pintores modernos” (FREUD, 2011, V. 18, P. 223).

E se poderia acrescentar, embora isso não se mostre necessário ao entendimento do leitor, que Kandinsky e Klee representam exemplarmente a pintura moderna à qual se refere Freud. Psique, prazer-realidade, atividade humana livre, enfim, enlaçados no fazer da indústria mais avançada e no *savoir-faire* artesanal: reconciliação utópica ainda possível em nossos dias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, G. C. **Arte moderna**: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Walter Gropius e a Bauhaus**. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

FREUD, S. **Arte, literatura e os artistas**. São Paulo: Autêntica, 2015.

FREUD, S. **Formulações sobre os dois princípios do fundamento mental**. São Paulo: Imago, 2006 (Obras Psicológicas Completas, 12)

FREUD, S. Novas conferências introdutórias à Psicanálise. In: _____. **Conferência 31: dissecação da personalidade Psíquica”** (1933). São Paulo: Cia das Letras, 2011. (Obras Completas, 18).

FREUD, S. **Mal-estar na civilização**. São Paulo: Cia. das Letras, 2011, (Obras Completas, 18).

FREUD, S. **Os dois princípios de funcionamento do psiquismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010, (Obras Completas, 10).

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do Eu**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2011. (Obras Completas, 9).

GAY, Peter. **Freud**: uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

GROPIUS. W. **Manifeste du Bauhaus**, [S.L.P; S.n.], 1919. Disponível em: <<https://art-zoo.com/manifeste-du-bauhaus/>>.

LAPLANCHE J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. T. 1 e 2. São Paulo: Victor Civita, 1983.

McGINITY, Lary. Bauhaus. In: FARTHING, Stephen. **Tudo sobre arte**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

MEZAN, R. **Freud, pensador da cultura**. 7. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

ROUDENISCO, E. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PRAZER-REALIDADE E ATIVIDADE
TRABALHO: RABISCOS ÀS MARGENS
DE MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO
(1930) DE SIGMUND FREUD